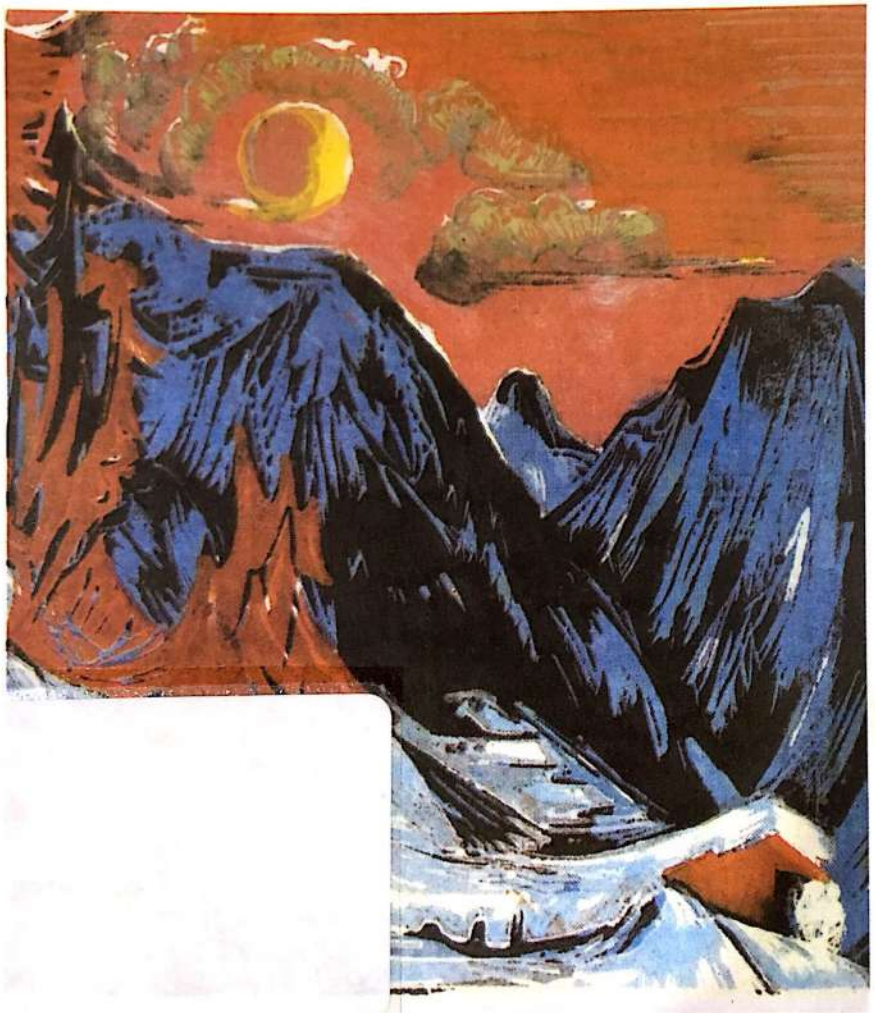
ÉLISÉE RECLUS

DO SENTIMENTO DA NATUREZA NAS SOCIEDADES MODERNAS



9d

Editora Imaginário

EXPRESSÃO & ARTE EDITORA

Quanto a saber o que na obra do homem serve para embelezar ou, então, contribui para degradar a natureza exterior pode parecer fútil a espíritos pretensamente positivos: ela não deixa de ter uma importância de primeira ordem. Os desenvolvimentos da humanidade ligam-se da maneira mais íntima com a natureza circundante. Uma harmonia secreta estabelece-se entre a terra e os povos que ela nutre, e quando as sociedades imprudentes permitem-se erguer a mão contra o que faz a beleza de sua região, elas acabam sempre por arrepender-se. Lá onde o solo enfeou-se, lá onde toda poesia desapareceu da paisagem, as imaginações desvanecem-se, os espíritos empobrecem-se, a rotina e o servilismo apoderam-se das almas e dispõem-nas ao torpor e à morte. Entre as causas que na história da humanidade já fizeram desaparecer tantas civilizações sucessivas, deve-se contar em primeira linha a brutal violência com a qual a maioria das nações tratam a terra nutriz. Abatiam as florestas, faziam secar as fontes e transbordar os rios, deterioravam os climas, cercavam as cidades de zonas pantanosas e pestilentas, depois, quando a natureza, por eles profanada, tornara-se-lhes hostil, eles a odiavam, e, não podendo refortalecer-se como o selvagem na vida das florestas, deixavam-se cada vez mais embrutecer-se pelo despotism[illegible] dos reis.

ÉLISÉE RECLUS

ISBN 978-85-7935-002-3

9 788579 350023

Projeto Editorial
Plínio Augusto Coêlho

Ilustração da capa
Ernest L. Kirchner, *Paisagem montanhosa*, 1918/1919.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Reclus, Élisée, 1830-1905.
Do sentimento da natureza nas sociedades modernas / Élisée Reclus ; organização e tradução Plínio Augusto Coêlho. — São Paulo : Expressão & Arte : Editora Imaginário, 2010.

Título original: Du sentiment de la nature dans les sociétés modernes.
ISBN 978-85-7935-002-3
1. Geografia 2. Reclus, Élisée, 1830-1905 - Crítica e interpretação I. Coêlho, Plínio Augusto. II. Título.

10-06280 CDD-910

Índices para catálogo sistemático:
1. Geografia : História e crítica 910

Expressão e Arte Editora
Rua Waldemar Martins, 926 - Casa Verde
Tel. 11-3951-5240 / 3966-3488 Fax 11-3951-5188
02535-001 São Paulo - SP
www.expressaoearteeditora.com.br
expressaoearte@terra.com.br

Editora Imaginário
Rua Espártaco, 456 - Vila Romana
Tel. 11-3864-3242
05045-000 São Paulo - SP
www.editoraimaginario.com.br
ed.imaginario@uol.com.br

Impresso no Brasil
2010

SYS 878404

ÉLISÉE RECLUS

DO SENTIMENTO DA NATUREZA NAS SOCIEDADES MODERNAS

Organização e Tradução
Plínio Augusto Coêlho

911
R299d

Editora Imaginário
EXPRESSÃO & ARTE EDITORA

SUMÁRIO

RECLUS,
OU A GRANDE NARRATIVA DA TERRA
Ronald Creagh
9

DO SENTIMENTO DA NATUREZA
NAS SOCIEDADES MODERNAS
Élisée Reclus
29

UFRGS
Instituto de Geociências
Biblioteca

NOTA DA EDIÇÃO

O ensaio de Élisée Reclus, *Du Sentiment de la Nature dans les Sociétés Modernes*, foi inicialmente publicado em *La Revue des Deux Mondes*, tomo 63, Paris, maio de 1866.

O homem adora viver no sonho;
o esforço que o pensamento deve exercer
para apreender as realidades parece-lhe demasiado
difícil, e ele tenta escapar dessa luta pelo refúgio
em opiniões já prontas. Se "a dúvida é o travesseiro
do sábio", a fé simplória é o travesseiro do pobre
de espírito. Houve um tempo em que o poder de um
deus supremo, que sentia em nosso lugar, queria,
agia fora de nós e conduzia a seu bel-prazer o destino
dos homens, bastava-nos amplamente e fazia-nos
aceitar nosso destino fatal com resignação ou,
inclusive, com gratidão. Agora, esse deus pessoal,
no qual os humildes tinham confiança, agoniza em
seus templos, e os mortais tiveram de substituí-lo.
Mas eles já não têm Potência Augusta a seu serviço:
só têm palavras às quais buscam dar,
como uma virtude secreta, um poder mágico:
por exemplo, a palavra "Progresso".
Sem dúvida, é verdade que, sob muitos aspectos,
o homem progrediu: suas sensações tornaram-se
mais refinadas, creio; seus pensamentos mais agudos
e mais profundos, e a amplitude de sua humanidade,
abraçando um mundo mais vasto, aumentou
prodigiosamente. Mas nenhum progresso
pode realizar-se sem retrocesso parcial.
O ser humano cresce, mas, crescendo, desloca-se,
e, avançando, perde uma parte do terreno
que outrora ocupava. O ideal seria que o homem
civilizado tivesse conservado a força do selvagem,
que ele também tivesse sua habilidade,
que ainda possuísse o belo equilíbrio dos membros,
a saúde natural, a tranqüilidade moral,
a simplicidade da vida, a intimidade com os animais
dos campos, o bom acordo com a terra e tudo o que
a povoa. Mas o que outrora foi a regra é agora
a exceção. É-nos provado por inúmeros exemplos
que o homem de enérgica vontade, amplamente
favorecido por seu meio, pode igualar-se
completamente ao selvagem em todas as suas
qualidades primevas, e acrescentando a elas
por sua consciência fortalecida em uma alma superior;
mas quantos são esses que adquiriram sem perder,
que são simultaneamente os iguais do primitivo
em sua floresta ou em seu prado
e os iguais do artista ou do cientista moderno,
nas cidades laboriosas?

Élisée Reclus
A Grande Família

DO SENTIMENTO DA NATUREZA NAS SOCIEDADES MODERNAS

Élisée Reclus

DO SENTIMENTO DA NATUREZA
NAS SOCIEDADES MODERNAS

Élisée Reclus

I

Manifesta-se há algum tempo um verdadeiro fervor nos sentimentos de amor que ligam os homens de arte e de ciência à natureza. Os viajantes pululam em enxames em todas as regiões de fácil acesso, extraordinárias pelas belezas de suas paisagens ou pelo encanto de seu clima. Legiões de pintores, desenhistas, fotógrafos, percorrem o mundo, das margens do Yang-Tsé-Kiang àquelas do rio das Amazonas; estudam a terra, o mar, as florestas sob seus aspectos mais variados; eles revelam-nos todas as magnificências do planeta que habitamos, e graças à sua freqüentação cada vez mais íntima com a natureza, graças às obras de arte tra-

zidas dessas inumeráveis viagens, todos os homens cultos podem agora se dar conta das características e da fisionomia das diversas regiões do globo. Menos numerosos do que os artistas, mas ainda mais úteis em seu trabalho de exploração, os pesquisadores também se fizeram nômades, e a terra inteira serve-lhes de gabinete de estudo: foi viajando dos Andes a Altai que Humboldt escreveu sua admirável obra *Quadros da Natureza*, dedicada, como ele próprio disse, "àqueles que, por amor à liberdade, puderam liberar-se das ondas tempestuosas da vida".

A multidão de artistas, pesquisadores e todos aqueles que, sem aspirar à arte nem à ciência, desejam simplesmente restaurar-se na livre natureza, dirige-se sobretudo às regiões de montanhas. Todo ano, assim que o clima permite aos viajantes visitar os altos vales e aventurar-se sobre os picos, milhares e milhares de habitantes das planícies acorrem às partes dos Pirineus e dos Alpes mais célebres por sua beleza; a maioria vai, é verdade, para obedecer à moda, por desocupação ou por vaidade, mas os iniciadores do movimento são aqueles que se sentem atraídos pelo amor às próprias montanhas, e para quem a escalada dos rochedos é uma autêntica volúpia. A vista dos altos cumes exerce

sobre um grande número de homens uma espécie de fascínio; é por um instinto físico, e amiúde sem mistura de reflexão, que eles sentem-se impelidos aos montes para escalar seus escarpamentos. Pela majestade de sua forma e pela ousadia de seu perfil desenhado em pleno céu, pelo cinturão de nuvens que circunda seus flancos, pelas variações incessantes de sombra e luz que se produzem nas ravinas e sobre os contrafortes, as montanhas tornam-se, por assim dizer, seres dotados de vida, e é a fim de surpreender o segredo de sua existência que buscamos conquistá-las. Além do mais, sentimo-nos atraídos por elas pelo contraste que oferece a beleza virginal de suas encostas incultas com a monotonia das planícies cultivadas e amiúde enfeadas pelo trabalho do homem. E, não é fato que os montes compreendem, em um pequeno espaço, um resumo de todos os esplendores da terra? Os climas e as zonas de vegetação superpõem-se sobre seu território; podemos ali abarcar com um só olhar as culturas, as florestas, a pradaria, os rochedos, o gelo, a neve, e todo entardecer a luz languescente do sol dá aos cumes um maravilhoso aspecto de transparência, como se a enorme massa não fosse senão um leve drapejado rosa flutuando no céu.

Outrora os povos adoravam as montanhas, ou, ao menos, reverenciavam-nas como a morada de suas divindades. No oeste e no norte do monte Meru, esse trono extraordinário dos deuses da Índia, cada etapa da civilização pode medir-se por outros montes sagrados onde se reuniam os senhores do céu, onde ocorriam os grandes acontecimentos mitológicos da vida das nações. Mais de cinqüenta montanhas, desde Ararat até o monte Atos, foram designadas como cumes sobre os quais teria descido a arca contendo em seus flancos a humanidade nascente e os germes de tudo o que vive na superfície da terra. Nos países semíticos, todos os cimos eram altares consagrados a Jeová, Moloch ou outros deuses; era o Sinai onde as tábuas da lei judaica surgiram no meio dos relâmpagos; era o monte Nebo, onde uma mão misteriosa enterrou Moisés; era o Morija sustentando o templo de Jerusalém; o Garizim, no qual subia o sumo sacerdote para abençoar seu povo; o Carmelo, o monte Thabor e o Líbano coroado por cedros. Era para esses "hauts lieux", onde se encontravam seus altares, que os judeus ou cananeus dirigiam-se em massa para degolar suas vítimas e queimar seus holocaustos. Igualmente para os gregos cada montanha

era uma cidadela de titãs ou a corte de um deus: um pico do Cáucaso servia de pelourinho a Prometeu, o pai e o tipo da humanidade; o triplo domo do monte Olimpo era a magnífica morada de Júpiter, e quando um poeta invocava Apolo, era com os olhos voltados para o cume do Parnaso.

Em nossos dias, não se adora mais as montanhas, mas aqueles que amiúde as percorreram, amam-nas profundamente. Tal cimo que foi escalado parece observar-vos; ele vos sorri de longe; é para vós que ele faz brilhar sua neve e, ao anoitecer, ilumina-se com um último raio. Com que felicidade recorda-se do mínimo incidente da ascensão, as pedras que se desprendiam da encosta e mergulhavam na torrente com um barulho surdo; da raiz na qual se ficou suspenso para escalar um paredão; do filete de água de neve no qual se matou a sede; da primeira fenda de glaciar sobre a qual se inclinou e que se ousou transpor; a longa encosta que foi tão dificilmente escalada afundando meia perna na neve; enfim, a crista terminal de onde se viu descortinar até as brumas do horizonte o imenso panorama das montanhas, dos vales e das planícies! Quando se revê de longe o cimo conquistado ao custo de tantos esforços, é com

um verdadeiro êxtase que se descobre ou que se adivinha com o olhar o caminho outrora percorrido dos vales na base às brancas neves do cume. Nesse grande quadro que oferecem as encostas da montanha, reencontram-se todas as lembranças de uma jornada de felicidade.

De onde vem essa profunda alegria que se experimenta escalando os altos cumes? Antes de tudo, é uma grande volúpia física respirar um ar fresco e vivo, absolutamente viciado pelas impuras emanações das planícies. Sentimo-nos renovados experimentando essa atmosfera de vida; à medida que subimos, o ar torna-se mais rarefeito; aspiramos mais longamente para encher os pulmões, o peito infla-se, os músculos contraem-se, a alegria penetra a alma. Em seguida, tornamo-nos senhores de nós mesmos e responsáveis por nossas próprias vidas. Aquele que escala uma montanha não está entregue ao capricho dos elementos como o navegador aventurado nos mares; bem menos ainda como o viajante transportado por ferrovia, um simples pacote humano tarifado, etiquetado, controlado, depois expedido a hora fixa sob a vigilância de empregados uniformizados. Tocando o solo, ele retomou o uso de seus membros e de

sua liberdade. Seu olho serve-lhe para evitar as pedras da senda, medir a profundidade dos precipícios, descobrir as saliências e as anfractuosidades que facilitarão a escalada dos paredões. A força e a elasticidade dos músculos permitem transpor os abismos, sustentar-se sobre os declives ab-ruptos, elevar-se de grau em grau nos corredores. Em mil ocasiões, durante a ascensão de uma montanha escarpada, sabe-se que seria correr grande perigo se se viesse a perder o equilíbrio, ou se o olhar fosse de repente turvado por uma vertigem, ou se os membros recusassem-se a trabalhar. É precisamente essa consciência do perigo, associada à felicidade de se saber ágil e disposto, que dobra no espírito do montanhês o sentimento da segurança.

Quanto ao prazer intelectual que a ascensão oferece, e que, de resto, está tão intimamente ligado às alegrias materiais da escalada, ele é tanto maior quanto mais aberto é o espírito e quanto mais estudados foram os diversos fenômenos da natureza. Compreendemos *in loco* o trabalho de erosão das águas e da neve; assistimos à marcha dos glaciares; vemos as rochas erráticas deslocarem-se dos cimos para a planície; seguimos com o olhar os enormes estratos horizontais ou verticalizados; percebe-

mos as massas de granito levantando as camadas; depois, quando nos encontramos, enfim, sobre um elevado cume, podemos contemplar em seu conjunto o edifício da montanha com suas ravinas e seus contrafortes, suas neves, suas florestas e suas pradarias. Os valezinhos e os vales que o gelo, as águas e as intempéries esculpiram no imenso relevo revelam-se claramente. Vemos a obra realizada durante milhares de séculos por todos esses agentes geológicos. Remontando até à origem das próprias montanhas, fazemos um juízo mais seguro sobre as diversas hipóteses dos pesquisadores quanto à ruptura da crosta terrestre, às dobras das camadas, à irrupção do granito ou do pórfiro.

Por sinal, devemos confessá-lo, a vaidade também pode misturar-se e mistura-se amiúde à nobre paixão que leva o viajante a escalar os altos cumes. Não só o homem é exaltado por esse orgulho natural que deve produzir nele a alegria de poder, a despeito de sua pequenez, triunfar por sua inteligência e sua vontade obstáculos que o detêm, não só ele desfruta vencer a montanha em si mesma e proclamar-se o conquistador desse pico temível, cuja primeira vista havia-o, contudo, arrebatado por uma espécie de terror religioso; mas ele também ouve

de antemão o rumor que não deixará de ocorrer em torno de seu nome, se ele conseguir colocar o pé sobre o cimo cobiçado; talvez ele esteja inclusive embevecido de antemão pelo sentimento de inveja que sentirão dele exploradores menos felizes. É uma grande e ao mesmo tempo bem pueril volúpia alcançar por primeiro um objetivo para o qual muitos olham ao mesmo tempo; fincar por primeiro uma bandeira sobre um bastião conquistado; lançar-se por primeiro sobre uma margem desejada. Um viajante célebre, reconhecendo que tentaria em vão escalar o mais alto cimo do monte Cervin, desejaria ao menos alcançar a agulha mais próxima do cume, naquele momento reputado inacessível. "Para quê?", pergunta-lhe o guia. "Essa rocha não tem glória nem nome". E o turista, dando as costas ao Cervin, tomou o caminho de um outro cimo inviolado. Por sinal, é certo que essa vaidade infantil que consiste em querer fazer-se um pedestal de uma alta montanha escalada com grande dificuldade é a grande, se não a única causa desses terríveis acidentes que nunca deixam de faltar todo ano. Se o escalador não está absolutamente seguro da natureza de sua visão e do vigor de seus membros, que ele ouse recuar sem sentir vergonha

ante todas as passagens demasiado difíceis para ele, e não teremos a lamentar pavorosas aventuras cujo simples relato causa frêmito!

O número das ascensões importantes aumentou consideravelmente desde que os amantes das rochas e dos glaciares aplicaram o princípio todo-poderoso da associação à escalada e ao íntimo conhecimento dos grandes cumes. Sociedades compostas de homens de ciência, caminhantes eméritos e homens desocupados que querem dar um objetivo às suas vidas, formaram-se em várias regiões da Europa, e, sob o nome de *clubes alpinos*, associaram-se para não deixar nenhuma agulha de rochedos, nenhum corredor de avalanches virgem dos passos humanos. Elas elaboraram a lista de todos os picos ainda rebeldes, discutiram os meios para alcançá-los, provocaram incontáveis ascensões, e por seus mapas, seus relatórios, suas inumeráveis reuniões, contribuíram enormemente para tornar conhecida a arquitetura dos Alpes. As coletâneas que contêm os diários de viagem dos membros dos diversos clubes alpinos são incontestavelmente as obras onde mais encontramos informações preciosas relativas às rochas e ao gelo das altas montanhas da Europa, e os mais belos relatos de ascensão. No futuro, quando os

Alpes e as outras cadeias de montanha acessíveis do mundo forem perfeitamente conhecidas, as memórias dos clubes alpinos serão a Ilíada dos exploradores de montanhas, e narrarão as façanhas dos Tyndall, dos Tuckett, dos Coaz, dos Theobald e outros heróis dessa grande epopéia da conquista dos Alpes, assim como outrora eram narradas as façanhas dos homens de guerra.

É incontestavelmente aos ingleses que cabe a honra de ter dado o impulso a todo esse grande movimento de exploração dos altos cumes. Há cento e vinte e cinco anos, Pococke e Wyndham haviam, por assim dizer, descoberto o Monte Branco. Desde essa memorável época, foram também os ingleses que, superando em zelo e em intrepidez os próprios habitantes dos Alpes suíços, e bem mais ainda os montanheses savoiardos, italianos e franceses, mais escalaram o Monte Branco e os outros gigantes dos Alpes; foram eles que estudaram com mais ardor o Mar de Gelo e os diversos glaciares dos maciços ocidentais, e que nos explicaram a verdadeira topografia dos grupos pouco conhecidos do Pelvoux, do Grande Paraíso, do Viso; foram eles, enfim, que pela fundação do primeiro *Alpine Club* fizeram surgir desde então um grande

número de sociedades do mesmo tipo nas diversas regiões da Europa.

Qual é a razão dessa extraordinária preeminência dos anglo-saxões na exploração das montanhas? Sem dúvida deve-se buscá-la em grande parte no próprio sangue da raça. Os viajantes ingleses, marinheiros ou escaladores, descendem desses audaciosos vikings que se diziam "os reis do mar selvagem", e que, em suas estreitas embarcações aventuravam-se com tanta alegria sobre as curtas e perigosas ondas do Mar do Norte. Os dinamarqueses e os normandos, filhos dos vikings, estabeleceram-se na Inglaterra, e, mesclados aos autóctones e aos antigos conquistadores do solo, acrescentaram à tenacidade bretã sua audácia e seu amor pelas aventuras. O meio natal fez o resto. A declividade dos campos suavemente inclinada para o mar, as profundas chanfraduras das costas, os largos estuários dos rios, a facilidade das comunicações marítimas, a feliz localização dos portos ante a Alemanha e a França, todas essas vantagens naturais levaram os ingleses ao comércio e às viagens. A Grã-Bretanha tornou-se para as trocas o principal mercado do mundo inteiro, e, em conseqüência, foi lá que, com o progresso da civilização, desenvolveu-se mais do

que em qualquer outro lugar o desejo de conhecer os países cujo aspecto difere daquele da Inglaterra. Não há nada, inclusive a constituição da propriedade inglesa, que não tenha por resultado conduzir para fora da pátria um grande número de homens enérgicos, e aumentar, assim, o gosto e a experiência pelas viagens de todos os tipos. Enquanto os operários e os cultivadores sem patrimônio exilam-se voluntariamente em busca do bem-estar e da independência em outro hemisfério, muitas pessoas em situação confortável, que a instituição do morgadio privou de propriedades fundiárias, e que não têm, por assim dizer, qualquer ligação com o solo natal, estão sempre prontas a mudar de país. Sem ter campos que lhes pertençam, elas tomam a terra inteira por domínio, e, como novos mamertinos, deixam em massa a pátria que não necessita mais delas.

Para nos darmos conta da invencível atração que conduz tantos turistas ingleses às fendas dos glaciares, aos corredores das avalanches e às cornijas dos rochedos, não devemos esquecer que, em todos os tempos, o anglo-saxão professou um verdadeiro culto pela força física. Grande comedor de carne quase crua, compraz-se a todos os exercícios violentos nos

quais os músculos enrijecem, o organismo humano é conduzido por inteiro, como uma máquina, a um forte esforço, e o sangue do coração, precipitando-se para a pele, só pede para circular. Quando essa dmiração, de resto muito legítima, pelo exercício da força bruta não é equilibrada nos ingleses por sentimentos mais delicados, ela degenera fatalmente em crueldade, — não essa crueldade inspirada pelo fanatismo ou que provoca a indiferença aos povos latinos, mas uma crueldade fria, refletida, sistemática — o amor do sangue pelo próprio sangue. Somos, infelizmente, obrigados a constatar essa depravação do senso moral quando vemos o parlamento interromper suas sessões para deixar aos homens de Estado a satisfação de ir contemplar o combate de dois boxeadores que, rosto e peito desnudos, torturam-se, mutilam-se, cegam-se por meio de golpes e transformam-se mutuamente em duas massas de carne sangrenta. Na época da guerra dos sipaios, quando se ouvia na maioria das igrejas os pastores invocar o Deus dos exércitos para rogar-lhe o extermínio dos rebeldes, e ainda mais recente, quando os grosseiros aplausos receberam em diversas partes da sociedade inglesa a notícia das horríveis carnificinas da Jamaica, foi necessário reconhecer com tristeza que um grande fundo de barbárie nativa ainda existe na natureza inglesa. A força bruta, considerada isoladamente como uma espécie de ideal religioso, até mesmo encontrou, recentemente, entre os escritores, os filósofos e os teólogos ingleses, fervorosos apóstolos que a ironia pública deu à sua doutrina o nome de *cristianismo muscular*. A despeito dessa grotesca designação, a nova seita não deixa de representar importante fração da sociedade inglesa; ela é recrutada sobretudo entre os jovens fortes e corajosos cuja obra inteira na vida consiste em caçar, boxear, correr, desenvolver os músculos de seu torso e de seus braços. Em seu amor pela força, esses cristãos de um novo gênero chegam amiúde a detestar os fracos; do mesmo modo, a maioria deles não deixou, por ódio ao negro, de colocar-se do lado dos plantadores durante a última guerra da América. Para se fazer uma idéia da moral dos *cristãos musculares*, basta ler o romance *Sword and Gown*, escrito por um desses corifeus da seita. Todos os seus heróis são modelados de carne e orgulho. Entre os franceses que ele põe em cena, o autor abomina acima de tudo o camponês que a revolução tornou proprietário, e só admira um velho gentil-homem podre de vícios, mas

sabendo perder no jogo sem franzir as sobrancelhas.

Todavia, se adoradores exclusivos da força física esquecem que o homem é outra coisa que um conjunto de músculos servidos por uma impassível vontade, não é menos verdadeiro que, em suma, o progresso moral do povo inglês é singularmente acelerado pelo zelo que assumem os jovens e os homens feitos para desenvolver-se em vigor, destreza e coragem. É realmente um belo espetáculo o jogo de *cricket* sobre um gramado ou uma corrida de velocidade entre dois barcos a remos. Esses belos homens de compleição esbelta, braços vigorosos, traje leve e simples, que põem tanta paixão em conquistar uma vitória honorífica, e que acompanham com seus olhares, seus desejos e seus encorajamentos milhares de espectadores, não se assemelham a esses heróis gregos dos jogos olímpicos dos quais a posteridade ainda celebra a glória? Para igualar em encanto poético os atletas helenos, falta-lhes apenas um meio semelhante àquele da antiguidade grega; a beleza da paisagem, a pureza do céu azul, o esplendor dos templos de mármore e das estátuas de formas divinas não se refletem sobre eles, e, acima de tudo, eles não têm esse encanto poderoso que a

miragem de um passado de mais de dois mil anos proporciona. Todavia, os jovens atletas da Inglaterra não se dobram certamente àqueles da Grécia pela coragem, pela resistência, pela força de vontade, pela paixão que eles colocam em sua educação corporal. Sob a direção de doutos professores que os *exercitam* como cavalos de corrida, eles submetem-se alegremente a um longo regime de abstinência e fadigas onde tudo é calculado para dar ao olhar mais calma, aos músculos mais força, à vontade mais energia. Graças a tal educação, esses homens aprendem a contar com eles mesmos em toda ocasião; eles zombam da enfermidade, da lassidão e do perigo; não temem nem o ar livre, nem o frio, nem o calor; quer permaneçam sozinhos no deserto, quer no oceano, eles não deixam de conservar sua inflexível vontade como uma bússola, e enquanto sua obra não é realizada, eles não lamentam a ausência nem dos pais, nem dos amigos, nem das grandes cidades onde a vida é tão fácil. Esses são os homens de que se precisa para escalar os cumes outrora inacessíveis dos Alpes, dos Andes ou do Himalaia, e conquistar para a geografia as solidões ainda desconhecidas. Deve-se apenas censurá-los pelo sangue-frio brutal com o qual afastam tudo o

que não vem deles. Enquanto nas colônias os *squatters* expulsam os indígenas como animais selvagens e acabam por liberar o solo deles, os viajantes ingleses, logo após terem descoberto um novo país, apressaram-se para suprimir os nomes poéticos dados pelos habitantes e substituíram-nos pelas designações mais vulgares; graças a eles, a "catarata da Fumaça-Tonante" tornou-se "Queda de Victoria", e o "Perfurador do Céu" passou a chamar-se "monte Cook".

Entre os representantes da admirável audácia anglo-saxã, não se poderia citar personagem mais extraordinário do que o professor Tyndall, um desses homens raros entre os quais a inteligência, a sagacidade, a acuidade do cientista, não prejudicam de modo algum as emoções do artista. Depois de ter-se livrado por pequenas escaladas preliminares da adiposidade obtida durante o inverno em seu laboratório de Londres, o arrojado alpinista não teme escalar sem agasalho o monte Rose. "Não se sabe o que há de força em quatro onças de alimentos", diz ele constatando, ao partir, que leva como viático um simples pedaço de pão. Uma outra vez, ele e vários companheiros atados todos por uma corda, deslizam a cabeça por primeiro sobre uma declividade de neve abaixo da qual abre-se bruscamente um precipício. Durante a formidável descida, ele calcula com a mais completa presença de espírito todas as chances de vida e de morte, e, de concerto com um guia que sente instintivamente trabalhar com ele, emprega tão bem um bastão, seus braços, suas pernas, que o grupo de homens lançado a toda velocidade detém-se, enfim, à beira do abismo. Todavia, é quando o sr. Tyndall desafia as fadigas e o perigo para resolver um problema de ciência que sua audácia e sua perseverança devem ser mais admiradas. É maravilhoso vê-lo em pleno inverno trilhar um caminho pela neve que lhe chega até os ombros e aventurar-se acima das fendas ocultas nas quais corre o risco de abismar-se, a fim de poder, do alto de um observatório perdido na bruma ou na nevasca, medir rigorosamente a lenta marcha das balizas plantadas de distância em distância no glaciar de Montanvert.

Graças a esse poderoso amor pela natureza que o empurra a todos esses fatos de audácia e a essas explorações difíceis, o célebre professor, que sem qualquer dúvida deve amar sua própria glória, chegou a situar o equilíbrio moral e físico de seu ser bem acima de seu renome científico. A completa saúde de sua pessoa, isto é, a alegria de viver exercitando seus músculos e

seu pensamento, vale mais para ele do que a opinião dos contemporâneos e da posteridade sobre o valor de seus trabalhos. "Sabeis", escreve a um amigo, "sabeis quão pouca importância eu dou às minhas pesquisas científicas sobre os Alpes. Os glaciares e os montes têm para mim um interesse bem superior àquele da ciência. Neles encontrei fontes de vida e alegria; eles forneceram-me quadros e lembranças que nunca se apagarão de meu pensamento; eles fizeram passar a todas as minhas fibras a consciência de minha virilidade, e agora a razão, a alma e o corpo trabalham de concerto em mim com uma força jubilosa que nem a fraqueza nem o tédio jamais alteram. A prática das montanhas elevou o nível de minhas fruições e faz meu coração rivalizar com o vosso em seu amor pela natureza. Eis o que os Alpes me proporcionaram!" Em conseqüência da delicadeza de sentimentos que o conhecimento mais íntimo dos fenômenos terrestres deu ao professor Tyndall, os mínimos detalhes arrebatam-no e encantam-no de alegria. Entre os naturalistas, há muitos que se enterneceriam como ele ante a beleza de um floco de neve sem temer os sarcasmos melífluos de um amável confrade? Haveria algum deles, que após ter descrito as

ramificações das flores de gelo sobre os vidros de um aposento de albergue, ousaria acrescentar "que essas produções extraordinárias não falam somente à sua inteligência, mas que também rejubilam seu coração e fazem surgir lágrimas em seus olhos?" E o homem do qual citamos as palavras não é um poeta melancólico, é o cientista que, desde as primeiras pesquisas de Agassiz, contribuiu em grande medida ao progresso da ciência dos nevados e dos glaciares.

Essa paixão do sr. Tyndall pelos montes de difícil acesso, seus amigos do *Alpine Club* e muitos outros ingleses partilham-na, e, como ele, não cessam a cada ano de ampliar por suas escaladas os conhecimentos humanos na orografia da Europa. De resto, não é apenas na exploração dos glaciares e dos altos cumes que inúmeros anglo-saxões distinguem-se entre os pesquisadores das outras nações; é também no estudo de todos os fenômenos físicos da terra. O astrônomo Piazzi-Smith permanece durante meses inteiros com sua mulher e o equipamento de um veleiro adaptado ao gelo a 3.000 e 3.500 metros de altitude sobre as encostas do pico de Tenerife para instituir experiências sobre a pureza da atmosfera, para conhecer as planícies superiores das nuvens assim como outros co-

nhecem aquelas da terra, e para assistir ao conflito dos ventos alísios e da contra-corrente vinda do equador. Mais audacioso ainda, o sr. Glaisher eleva-se nas alturas da atmosfera bem acima da altitude correspondendo aos cumes mais elevados do Himalaia. O pesquisador meteorologista e seus companheiros decidem subir pelo tempo que puderem conservar o sentimento de sua própria existência. O ar, tornado demasiado rarefeito para seus pulmões, força-os a respirar com dificuldade; eles têm palpitações; os ouvidos zunem; o sangue enche as artérias de suas têmporas; seus dedos resfriam-se e recusam-lhes o movimento; não importa, a vontade sustenta-os, e eles jogam ainda mais lastro para fora de sua nacela e, assim, dão-se um novo impulso na atmosfera. Um dos aeronautas desmaia; mas os outros nada fazem para deter a ascensão, e, com os olhos fixos em seus instrumentos, observam a baixa gradual das colunas de mercúrio no barômetro e no termômetro, como se ainda estivessem em sua observação em Kew. Um segundo dos três viajantes heróicos, completamente sonolento pela falta de ar e calor, tomba igualmente sem forças, e o balão continua a subir. O próprio sr. Glaisher, gradualmente invadido pelo torpor, perdeu o

uso de suas mãos, mas prende com seus dentes a corda da válvula; e quando sente que um segundo, um só, separa-o da morte juntamente com seus companheiros, então deixa escapar o gás, e o balão esvaziado enfim detém sua ascensão para descer gradualmente sobre os campos situados onze mil metros abaixo. Que nobre coragem por parte desses homens que arriscam suas vidas com tanta simplicidade de alma, e isso por único benefício do estudo da temperatura de uma atmosfera onde nem o homem nem o pássaro podem viver! É verdade, seria denigrir essa força de alma e essa calma do cientista compará-las à coragem brutal do soldado lançando-se na mais intensa luta furiosa, inebriado de pólvora, estrondo e sangue!

Enquanto homens como os srs. Tyndall e Glaisher, pelo duplo amor pela natureza e pela ciência, escalam os cumes difíceis ou se lançam em balão no espaço, milhares de outros ingleses, cuja carreira é mais modesta, pois só um reduzido número deles pode esperar conquistar a glória, arrisca-se sobre um outro elemento para arrancar náufragos da morte. Sem dúvida o sentimento de humanidade tem muito a ver no devotamento desses infatigáveis remadores dos barcos salva-vidas que se aventuram sobre

as grandes ondas no meio das mais horríveis tempestades, durante essas pavorosas e sombrias noites em que o piloto mal distingue sua equipagem, e nem mesmo pode fazer ouvir sua voz através dos ribombos; mas nesse admirável sacrifício de suas pessoas, os salvadores não se deixam levar também pela imensa atração que exerce sobre eles a beleza do mar em furor? É uma forte alegria, bem feita para tentar grandes corações, essa de lutar contra as ondas, o vento, a tempestade, as tênebras, e vencer todos esses inimigos por meio de coragem, presença de espírito, disciplina voluntária e heróica perseverança! É verdade, os rudes marinheiros que durante as noites de naufrágio lançam-se ao socorro dos navios em perigo são os descendentes dos antigos reis do mar; eles amam o mar selvagem tanto quanto seus ancestrais, e, assim como eles, zombam da morte; mas sua ambição é mais elevada. Em vez de colocar sua glória no assassínio e na rapina, deram-se por missão arrancar vítimas da morte, ou, simplesmente, encontrar seus cadáveres. O que eram essas expedições consagradas com tanta perseverança à busca de John Franklin e de seus companheiros senão tentativas de salvamento feitas em larga escala? O amor pela luta e pelo perigo corre nas veias do

homem; mas os verdadeiros heróis começam a compreender que, para aplacar sua paixão pelo combate, é mais nobre lutar contra as forças da natureza do que procurar degolar seus irmãos.

II

Se, na grande obra da exploração da natureza que se realiza atualmente, os ingleses distinguem-se sobretudo por sua audácia, sua jubilosa perseverança, seu desprezo pelo perigo, os alemães talvez saibam apreciar as coisas da terra de uma maneira simultaneamente mais geral e mais íntima. Eles não se limitaram a celebrar a natureza em todos os tons em seus poemas e em seus trabalhos filosóficos, eles ao mesmo tempo estudaram-na com amor. Kant, o poderoso renovador da filosofia moderna, também se ocupava da solução dos problemas relativos à terra, e, com a mesma pena com que escreveu a *Crítica da Razão Pura*, escreveu várias obras de geografia física. Goethe, o tranqüilo adorador das forças ocultas na rocha e na planta, teve por contemporâneos Alexandre von Humboldt, o infatigável viajante que, nos dois mundos, estudou *in loco* os movimentos da vida do

globo, e Carl Ritter, o heróico cientista que não recuou ante o pensamento de começar sozinho a enciclopédia dos conhecimentos da humanidade sobre as regiões e os povos da terra. Depois desses dois homens, que foram verdadeiramente iniciadores, veio um grande número de viajantes e estudiosos que se deram por missão percorrer o planeta, estudá-lo e descrevê-lo. A Alemanha, não tendo colônias e não enviando legiões de empregados para todos os pontos do globo como a Grã-Bretanha, não é nem o patriotismo estreito, nem a realização de uma missão imposta, é verdadeiramente o amor pela terra que leva tantos exploradores alemães a regiões raramente visitadas ou completamente desconhecidas. A lista já é bem longa daqueles dentre eles que sucumbiram na África, na Austrália, no interior da Ásia e da América, e, no entanto, surgem incessantemente novos viajantes para retomar do ponto de parada as descobertas de seus predecessores.

De uma maneira geral, é verdade que os alemães, superiores como intérpretes da natureza a seus rivais ingleses, não os igualam em arrebatamento e intrepidez jubilosa na exploração das montanhas; mas também se deixam menos amiúde levar pela embriaguez da escalada a cometer esses atos de louca audácia que custam todo ano várias vidas preciosas; eles não escalam os cumes unicamente pelo prazer completamente físico da escalada, também escalam, seja para aprender, seja para ensinar mais tarde, e, tornados prudentes pela reflexão, só se aventuram com discernimento nas escarpas perigosas. Sem preencher o mundo com os rumores de suas façanhas, como vários escaladores ingleses, cujo único mérito é saber conquistar os cumes mais temíveis, geólogos e naturalistas como Theobald e Vogt certamente contribuíram mais do que ninguém para os progressos da ciência dos Alpes. De resto, na Alemanha bem como na Inglaterra, começa-se a compreender muito bem de que importância capital para a melhoria da espécie humana são todos os exercícios do corpo, e em todas as partes fundaram-se sociedades de ginástica. Essas excelentes instituições, que já contam mais de 150.000 membros nas diversas partes da confederação, não só prestam à raça o imenso serviço de desenvolvê-la em força, em graça e em beleza, como também colocam em relações cotidianas, e sob o pé de uma livre igualdade, homens pertencentes a todas as classes: cientistas, médicos, engenheiros, comerciantes, operários. Elas fazem pene-

trar pouco a pouco na sociedade os costumes republicanos ao dar a cada homem, com mais força física, uma instrução mais ampla, uma compreensão mais abrangente de seu direito e de seus deveres, um hábito maior do sufrágio e da discussão. As associações de ginastas que se organizam sucessivamente em cada cidade acabarão por cobrir todo o país de uma multidão de grupos federalizados cujos contornos nacionais são simultaneamente jogos olímpicos e autênticos parlamentos. Assim, a ginástica pode ser considerada como um dos grandes elementos da regeneração material, política e social do povo. Ela também não deixará, por sua feliz influência sobre o equilíbrio físico e moral do cidadão, de corrigir o que há de vago, falso e místico no amor dos alemães pela natureza.

Apesar de alguns desvios que ele tenha sofrido desde o começo da era histórica, esse amor sempre foi um dos traços distintivos das populações da Germânia, assim como o provam as lendas e as canções coletadas em tão grande número nas diversas regiões da Alemanha. Os descendentes desses teutões que habitavam as florestas profundas jamais ignoraram a beleza de seus bosques de carvalhos, faias ou abetos, de suas fontes brotando discretamente na relva dos

prados ou sob as folhas mortas, de suas montanhas abauladas, todas rajadas de neve durante o inverno. Um dos melhores testemunhos que se possa invocar para constatar a força do sentimento que os alemães sempre tiveram pela natureza encontra-se nos nomes patronímicos. Na França, as denominações ignóbeis, ou ao menos vulgares, são infelizmente muito numerosas. Quanto aos nomes de família emprestados da terra, tais como *Dumont*, *Dubois*, *Lafont*, *Duplan*, *Durrieu*, eles indicam simplesmente o local de habitação ou de antigos direitos de propriedade, e não fazem qualquer alusão à beleza do campo. Em contrapartida, milhões de alemães receberam nomes graciosos ou extraordinários testemunhando um vivo sentimento de poesia na própria massa do povo. Do outro lado do Reno, é muito comum chamar-se *Ramo-de-Roseira*, *Riacho-dos-Freixos*, *Praia-Florida*, *Canto-dos-Pássaros*, *Rocha-de-Luz*.

Deve-se dizê-lo, os franceses, considerados em massa, nem sempre compreendem tão bem quanto seus vizinhos do norte e do oriente os esplendores da grande natureza. Mais sociáveis do que os alemães e os ingleses, suportam mais dificilmente a solidão ou, inclusive, a interrupção temporária de suas relações habituais. Ne-

cessitam, no trabalho e nos prazeres, da rotina de cada dia com os mesmos camaradas ou os mesmos amigos; temem instintivamente a natureza selvagem onde o homem não encontra outros companheiros senão as árvores, os rochedos e as torrentes. A natureza que o francês compreende melhor e que mais ama observar, é o campo suavemente ondulado cujas culturas variadas alternam-se com graça até o longínquo horizonte das planícies. Uma fileira de pequenas colinas verdejantes delimita a paisagem; um pequeno rio serpenteia sob a ramagem dos amieiros e dos choupos; buquês de árvores mostram-se aqui e acolá entre os prados e os campos de trigo; casas brancas de telhas vermelhas brilham em meio ao verdor. A beleza da paisagem parece completa quando uma ruína revestida de vinha selvagem, um moinho construído atravessando o riozinho sobre arcadas desiguais, acrescentam seu perfil pitoresco ao conjunto do quadro. Em toda parte, o homem que contempla essa cena vê marcas da capacidade industriosa de seus semelhantes: a natureza, modelada pelo trabalho, humanizou-se, por assim dizer, e o espectador ama ver-se a si mesmo na obra comum. Há uma grande distância, portanto, dessas regiões transformadas pela cultura

às vastidões virgens cuja beleza primeva ainda permanece imaculada.

O ideal de nossos ancestrais no que concerne à paisagem revela-se pelos locais que príncipes e senhores escolhiam para a construção de seus castelos de vilegiatura. Um muito pequeno número desses palácios ocupa uma posição de onde se pode contemplar um horizonte grandioso de montanhas ou rochedos; observou-se, inclusive, que em muitos lugares, notadamente às margens do lago de Genebra, as casas de campo construídas pelos ricos proprietários ribeirinhos davam as costas ao que nos pareceria agora a parte mais grandiosa da vista. A essa natureza demasiado poderosa e selvagem para que gostassem de admirar, o homem preferia um espaço limitado onde a imaginação expandiria-se à vontade, uma cortina de colinas suavemente curvadas, belas avenidas de árvores frondosas, gramados e laguinhos decorados de estátuas. Colocavam a graça, e amiúde a graça falsa e afetada, bem acima da simplicidade grandiosa dos vastos horizontes.

Entretanto, à vista dos castelos pitorescos construídos sobre rochedos agudos, poder-se-ia ser tentado a crer que os senhores feudais do território francês possuíam o sentimento das

belezas da natureza selvagem, se não conhecêssemos demasiado bem o motivo que levava os barões e os fidalgos a erguerem suas torres sobre os penhascos. Se eles habitavam o cume dessas rochas isoladas não era absolutamente para desfrutar da vista da aurora ou para observar os meandros dos rios, era para descobrir inimigos ou vítimas nos vales circundantes. Sem dúvida eles deviam acabar por amar o retiro solitário no qual se fixaram; haviam visto pela primeira vez a luz do dia através das estreitas seteiras do castelo; quando crianças, haviam aprendido, correndo sobre as plataformas das torres e inclinando-se nas ameias das muralhas, os nomes das flores que desabrocham entre as fendas e aqueles das árvores que crescem ao longe sobre as encostas das colinas; depois, tornados caçadores, entraram em contato com os animais da floresta, acostumaram-se ao vento, à tempestade, a todas as intempéries, e, por um longo hábito, acabaram por compreender um lado dessa natureza, em meio à qual viviam. Todavia, à medida que nessa classe de conquistadores o elemento germânico afrancesava-se pelos cruzamentos e pelos costumes, o amor pela solidão e pela natureza selvagem perdia-se entre os cavaleiros; aproximavam-se

das planícies, estabeleciam-se nas cidades, e tornavam-se gradualmente príncipes ou cortesãos. Foi na Alemanha, notadamente às margens do Reno, do Neckar, do Mosela, e nas regiões montanhosas do Palatinado, da Suábia, da Francônia, que se manteve por mais tempo essa terrível cavalaria de ferozes pilhas, que compreendiam a natureza à maneira dos animais selvagens, para ali encontrar seu covil e para lá levar sua presa. Um dos mais temíveis desses cavaleiros bandoleiros, o famoso Eberhard ou *Coração de Javali*, cujas baladas de Uhland deram-nos um retrato fantasioso, havia adotado por divisa: "Amigo de Deus, inimigo de todos os homens!" E para justificar esse lema, ele não deixou de matar centenas de seus semelhantes. A fortaleza era um ninho de ave de rapina, e o próprio senhor dava-se por ideal a águia e o abutre, assim como provam essas estranhas figuras de aves de rapina que, a despeito de todos os progressos realizados no mundo moderno, permaneceram nos brasões das famílias e dos Estados. A própria república americana, por uma singular reminiscência feudal, adotou a águia por símbolo de seu poder.

Qualquer que fosse o sentimento que experimentavam pela natureza exterior os con-

quistadores do solo, é certo que a massa escrava não podia compreender a beleza da terra sobre a qual transcorria sua miserável vida, e o sentimento que ela experimentava em relação às paisagens que a cercavam devia necessariamente se perverter. As amarguras da existência eram, então, demasiado vivas para que pudessem dar-se amiúde o prazer de admirar as nuvens, os rochedos e as árvores. De todas as partes só havia discórdias, ódios, pavores súbitos, guerras ou fome. O capricho e a crueldade do senhor eram a lei dos subjugados: em cada desconhecido temia-se ver um assassino; os dois nomes, estrangeiro e inimigo, haviam se tornado sinônimos. Em tal sociedade, a única coisa que o homem corajoso poderia tentar fazer para lutar contra seu destino e conservar em si mesmo a consciência de sua alma era ser alegre e irônico, era zombar do forte e, sobretudo, de seu senhor, mas não tinha por que se enternecer ao observar a natureza. Por sinal, ela também era dura para ele; amiúde recusava-se a fornecer-lhe o trigo que ele semeava; trazia-lhe o frio e as tempestades, embora ele nem sempre tivesse bastantes vestes para cobrir-se; às vezes, ela soprava sobre a região um vento de peste e fazia desaparecer populações inteiras em algumas

semanas. O esplendor dos contornos da natureza ambiente restaria desconhecido a homens que, sob o golpe de um vago terror cuidadosamente alimentado pelos feiticeiros de todo tipo, não cessavam de perceber nas grutas, nos caminhos desertos, nas gargantas das montanhas, nos bosques povoados de sombra e silêncio, fantasmas informes e monstros horríveis assemelhando-se simultaneamente ao animal e ao demônio. Que estranha idéia deviam fazer da terra e de sua beleza esses monges da Idade Média que, em seus mapas-múndi, nunca deixavam de desenhar, ao lado dos nomes de todos os países longínquos, animais vomitando fogo, homens com cascos de cavalo ou cauda de peixe, grifos com cabeça de carneiro ou boi, mandrágoras voadoras, corpos decapitados com grandes olhos de espanto alojados no peito!

Para que se tenha uma idéia aproximativa do que era a sociedade na Idade Média e dos sentimentos que a natureza inspirava-lhe, seria preciso penetrar nos países retirados onde as antigas tradições conservaram-se, onde as trevas da ignorância ainda conservam toda a sua densidade. Na França, decerto não existe mais uma única dessas regiões que as idéias modernas, sob uma forma mais ou menos mesclada de

erros, ainda não tenham visitado; todavia, se não podemos reencontrar em lugar algum a autêntica Idade Média, é ao menos bem fácil reconhecer seus vestígios. Há vinte anos, a crença nos sortilégios, nas bruxarias, nos prodígios de todo tipo ainda reinava de uma maneira absoluta sobre os espíritos de milhões de aldeões do centro da França e da Bretanha. Para compreender o pavor que a natureza causava aos nossos ancestrais, não é necessário reportarmo-nos ao século de Étienne Marcel e Carlos, o Mau; para muitos de nós basta lembrar de sua própria infância e da ingênua credulidade com a qual acolhiam toda afirmação própria para satisfazer seu pendor ao medo. Bem numerosos são aqueles dentre nós que, em sua tenra idade, pobres pequenos seres tremendo próximos à lareira, escutavam velhas mulheres contar-lhes em voz baixa terríveis histórias de monstros e demônios. Ao aproximar do crepúsculo, vimos horrendos espectros feitos de vapores sair do rio e caminhar sem ruído através dos prados estendendo em nossa direção seus longos braços transparentes. Durante as cavalgadas ao luar, fremimos como a folha ao ouvirmos os uivos dos lobisomens postados nas encruzilhadas das estradas. Se, entre as diversas fantasias que surgem

assim diante dos espíritos alucinados, há algumas graciosas, elas estão, tanto quanto as outras, livres de todo vínculo com a realidade das coisas. Recentemente tive o prazer de rever uma antiga companheira que me havia outrora ensinado que, para ir a Roma, a Santiago de Compostela e a Jerusalém, seria preciso caminhar sobre as estrelas e seguir a Via Láctea. A velha senhora ficou bem surpresa quando eu quis ensinar-lhe que o verdadeiro "caminho de Santiago" passa por Bordeaux e Bayonne, e que as etapas dos peregrinos não se encontram na redondez do céu. Ela não me desmentiu em absoluto, mas balançou silenciosa e afirmativamente a cabeça, e, sem qualquer dúvida, conservou sua fé no âmago de seu coração.

Tendo em vista o que sempre tiveram de excepcional tais concepções em relação às coisas da natureza, é fácil compreender como a ignorância, a superstição, a miséria, o medo ou o amor pelo lucro devem ter obscurecido os espíritos e ocultado, ao menos em parte, a beleza da terra. Os camponeses ou exploradores burgueses do solo não podiam absolutamente imaginar a beleza do campo sob outro ponto de vista senão aquele da utilidade; e a literatura, intérprete natural do pensamento do povo, não

podia, por sua vez, senão traduzir, idealizando-a, essa maneira de ver. Durante séculos, os escritores franceses abstiveram-se completamente de celebrar outra coisa que não fosse o homem e a sociedade, ou, então, quando eles falaram da natureza, era apenas para cantar "o frescor das folhagens, os prados floridos, as colheitas amarelando". Era, ainda, em geral, em conseqüência de alguma reminiscência clássica, e sem dúvida eles não teriam ousado cantar a natureza se Virgílio não a tivesse celebrado antes deles. Bem amiúde, em suas tão numerosas guerras na Espanha e na Itália, exércitos franceses atravessaram os Pirineus e os Alpes, e, no entanto, parecem não ter visto nada da singular beleza dessas regiões aonde os viajantes afluem agora dos quatro cantos do mundo: eles só se surpreenderam com a rudeza dos escarpamentos e a dificuldade dos caminhos. Depois de ter percorrido as encantadoras pastagens do Col de l'Argentière, após ter visto os extraordinários cumes do Chambeyron, do Grand-Rubren, do Mont-Viso, Francisco I não encontrava outra palavra para qualificar os Alpes senão "estranha região", e reservava toda a sua admiração para as belas planícies tão cobiçadas do Piemonte e de Milão. Do mesmo modo, a maioria dos *conquistadores*

espanhóis e portugueses, esses homens tão grandes por sua audácia, tão atrozes por sua crueldade, parece não ter visto essa admirável natureza do Novo Mundo, em meio à qual eles encontravam-se inebriados como por magia. As altas montanhas, as florestas virgens, o mar azul e transparente, tudo isso era um sonho para eles; seus ávidos olhos só buscavam as veias de ouro nas profundezas das rochas e do solo.

Nos tempos modernos, Rousseau, ele próprio nascido no sopé dos Alpes, foi o primeiro revelador das alegrias que se experimenta no meio da natureza selvagem, diante dos grandes lagos, das florestas livres e da magnífica perspectiva dos horizontes de montanhas. Todavia, a despeito de seu amor tão profundo e tão sincero pela solidão, a despeito da misantropia que lhe fazia sentir aversão até mesmo pelos vestígios do homem, Rousseau não se aventurou nos altos vales, sobre os corredores de neve ou os campos de gelo; contentou-se em percorrer e admirar as paisagens da base dos montes onde as moradas e as culturas atestam o trabalho e a moradia do camponês. Quanto a Chateaubriand, esse grande artista que soube, contudo, pintar com largueza algumas paisagens do mar e dos rios poderosos do Novo Mundo, achou os Alpes

demasiado altos para ele, e recusou claramente a beleza a "essas pesadas massas" que não lhe pareciam "em harmonia com as faculdades do homem e a fraqueza de seus órgãos". Ele afirma que "essa grandeza das montanhas, da qual se falou tanto, só é real pela fadiga do viajante"; em toda parte onde a massa dos picos demasiado compacta preenche o campo da visão e não forma um simples cenário ao horizonte, ele acha os montes "horríveis".

Em nossos dias, não encontraríamos, sem dúvida, homens bastante ousados para sustentar as mesmas proposições de Chateaubriand e confessar tão claramente sua impotência para compreender a natureza sob um de seus maiores aspectos. A educação coletiva da qual desfrutam todos os povos civilizados, em conseqüência de seu contato incessante uns com os outros, e dos empréstimos que fazem constantemente às artes, às ciências e aos costumes, não permite mais a ninguém ignorar a beleza dos rudes desfiladeiros, das agulhas de rochedos, das encostas de gelo ou neve; mas é certo que, a despeito dos progressos realizados sucessivamente na compreensão da natureza, os franceses contribuíram menos do que seus vizinhos para o estudo de seus próprios maciços de montanhas, bem como para a obra mais geral da exploração do globo. Essa inferioridade, por sinal, não oferece nada de absoluto, e não deve absolutamente ser erigida como regra. O número daqueles que se libertam da rotina cotidiana para ir contemplar a natureza livre, seja nas regiões longínquas, seja nos próprios limites de seu país, aumenta rapidamente e não pode deixar de aumentar ainda mais, graças às facilidades cada vez maiores que as viagens oferecem. Ninguém duvida de que se nos colégios as crianças não tivessem de sofrer essa rude disciplina que tem quase sempre por resultado o enfraquecimento de toda individualidade, e se o estado militar não viesse em seguida, com sua disciplina ainda mais terrível, tomar por centenas de milhares e reduzir à obediência passiva os jovens mais fortes e mais aventureiros, as populações francesas desempenhariam na história das viagens e das descobertas o grande papel ao qual os destinava a admirável posição de seu domínio, situado na extremidade ocidental da Europa, entre o Mediterrâneo e o Oceano, entre os Alpes e os Pirineus.

O sentimento da natureza, assim como o gosto pelas artes, desenvolve-se pela educação. O camponês, que vive no meio do campo e des-

fruta em liberdade da vista dos espaços verdejantes, ama sem dúvida instintivamente essa terra que ele cultiva, mas não tem consciência de seu amor e vê no solo apenas as riquezas dormentes solicitadas pela cultura. O próprio montanhês ignora na maioria das vezes a beleza do vale que habita e dos escarpamentos que o cercam: ele reserva toda a sua admiração para os terrenos uniformes da planície, onde se pode, sem fadiga e sem perigo, caminhar em todas as direções, onde o ferro da charrua afunda em toda parte em grande profundidade no solo fértil; é só depois de ter-se afastado de suas montanhas e percorrido a terra estrangeira que o amor pelo país desperta em sua alma, e que ele começa a compreender pela nostalgia o esplendor grandioso dos horizontes saudosos. Todavia, se a educação pode fazer aqueles que ainda não compreendiam o profundo encanto da natureza apreciarem-na, ela também pode, quando é deformada, depravar o gosto e dar do belo idéias monstruosas ou ridículas. É assim que os chineses, esse povo antigo que agora rejuvenesce ao custo das mais sangrentas revoluções, chegaram ao ponto, em seu mesquinho amor pelo barroco e pelo simétrico, de reprimir a seiva nos troncos a fim de criar variedades anãs e dar às

árvores formas geométricas ou a bizarra aparência de monstros e demônios. Assim, também, inúmeros principículos alemães, depravados por uma lamentável mania de sentimentalismo, estragaram as mais encantadoras paisagens gravando pedantescas inscrições nos rochedos, decorando os gramados com túmulos de fantasia, fazendo com que seus soldados montassem guarda diante dos pontos panorâmicos que querem assinalar aos visitantes. É preciso que o amante da natureza livre tenha um gosto de rara delicadeza para que possa tocar na terra sem destruir a graça, ou, inclusive, dando-lhe uma maior harmonia de linhas e cores. Todavia, esse é o resultado que é indispensável alcançar para que as sociedades possam avançar em civilização de uma maneira normal, e que cada um de seus progressos não seja conseguido às expensas da terra que lhes serve de morada. Doravante, graças às viagens, é o próprio planeta que engrandecerá o gosto de seus habitantes e dar-lhes-á a compreensão do que é verdadeiramente belo. Aqueles que percorrem os Pirineus, os Alpes, o Himalaia, ou apenas as altas falésias às margens do Oceano, aqueles que visitam as florestas virgens ou contemplam as crateras vulcânicas aprendem, em vista desses quadros grandio-

sos, a apreender a verdadeira beleza das paisagens menos arrebatadoras e tocar-lhes só com respeito quando têm o poder de modificá-las.

III

Importa ainda mais que o sentimento da natureza desenvolva-se e depure-se porque a multidão dos homens exilados dos campos pela própria força das coisas aumenta a cada dia. Já faz muito tempo que os pessimistas apavoram-se com o incessante crescimento das grandes cidades, e, contudo, nem sempre eles se dão conta da rápida progressão com a qual poderá operar-se doravante o deslocamento das populações rumo aos centros privilegiados.

É verdade, as monstruosas Babilônias de outrora também haviam reunido em seus muros centenas de milhares ou até mesmo milhões de habitantes: os interesses naturais do comércio, a centralização despótica de todos os poderes, a grande avidez pelos favores, o amor pelos prazeres, haviam dado a essas poderosas cidades a população de províncias inteiras; entretanto, as comunicações sendo então muito mais lentas do que o são hoje, as cheias de um

rio, as intempéries, o atraso de uma caravana, a irrupção de um exército inimigo, a sublevação de uma tribo, bastavam, às vezes, para retardar ou suspender os abastecimentos, e a grande cidade encontrava-se incessantemente, em meio a todos os seus esplendores, exposta a morrer de fome. Por sinal, durante essas épocas de impiedosas guerras, essas vastas capitais acabavam sempre se tornando o teatro de alguma imensa matança, e, às vezes, a destruição era tão completa que a ruína de uma cidade era ao mesmo tempo o fim de um povo. Recentemente ainda pudemos ver, pelo exemplo de algumas das cidades da China, que destino era reservado às grandes aglomerações de homens sob o império das antigas civilizações. A poderosa cidade de Nanquim tornou-se um monte de escombros, enquanto Uchang, que parece ter sido, há uns quinzes anos, a cidade mais populosa do mundo, perdeu mais de três quartos de seus habitantes.

Às causas que outrora faziam afluir as populações para as grandes cidades e que não cessaram de existir, devemos acrescentar outras, não menos importantes, que se ligam ao conjunto dos progressos modernos. As vias de comunicação, canais, estradas comuns e ferrovias, disseminam-se em número cada vez mais con-

siderável rumo aos centros importantes e os circundam com uma rede de malhas incessantemente mais próximas. Os deslocamentos operam-se em nossos dias com tanta facilidade que da manhã à noite as ferrovias podem lançar 500.000 pessoas nas ruas de Londres ou de Paris, e que, em caso de uma simples festa, de um casamento, de um enterro, da visita de uma personagem qualquer, milhões de homens às vezes inflaram a população flutuante de uma capital. Quanto ao transporte das provisões, ele pode operar-se com a mesma facilidade daquele dos viajantes. De todos os campos circundantes, de todas as extremidades do país, de todas as partes do mundo, os alimentos afluem por terra e por água em direção a esses estômagos enormes que não cessam de absorver continuamente. Se necessário, se os apetites de Londres o exigissem, ela poderia em menos de um ano importar mais da metade das produções da terra.

É verdade, isso é uma imensa vantagem que as grandes cidades da antiguidade não tinham, e, contudo, a revolução que as ferrovias e os outros meios de comunicação introduziram nos costumes mal começou. O que é realmente uma média de duas ou três viagens por ano para cada um dos habitantes da França, quando uma

simples excursão de quinze minutos feita ao subúrbio de Paris ou de tal outra grande cidade é considerada como uma viagem pela estatística? É certo que, a cada ano, as multidões que se deslocam crescerão em enormes proporções, e provavelmente todas as previsões serão superadas sob este aspecto, como o foram desde o começo do século. É assim que, somente para a cidade de Londres, o movimento dos viajantes é atualmente tão forte em uma única semana quanto era todo um ano, por volta de 1830, em toda a Grã-Bretanha. Graças às ferrovias, as regiões encurtam-se incessantemente, e pode-se inclusive estabelecer matematicamente em que proporção opera-se essa redução do território, visto que basta para isso comparar a velocidade das locomotivas com aquela das diligências e dos carroções que elas substituíram. O homem, por sua vez, separa-se do solo natal com uma facilidade cada vez maior; faz-se nômade, não à maneira dos antigos pastores, que sempre seguiam os caminhos costumeiros e nunca deixavam de retornar periodicamente às mesmas pastagens com seus rebanhos, mas de uma maneira muito mais completa, porquanto ele se dirige indistintamente para um ou outro ponto do horizonte, em toda parte aonde o leve o interesse ou

o bom prazer; um número muito pequeno desses expatriados voluntários retorna para morrer em sua terra natal. Essa migração dos povos incessanmente crescente opera-se agora por milhões e milhões, e é precisamente para os formigueiros humanos mais populosos que se dirige a grande multidão dos emigrantes. As terríveis invasões dos guerreiros francos na Gália romana não tinham, talvez, do ponto de vista etnológico, tanta importância quanto essas imigrações silenciosas dos varredores do Luxemburgo e do Palatinado que vêm inflar a cada ano a população de Paris.

Para que se tenha uma idéia do que poderão tornar-se um dia as grandes cidades comerciais do mundo, se outras causas agindo em sentido inverso não conseguirem cedo ou tarde equilibrar as causas de crescimento, basta ver que enorme importância adquirem as cidades nas colônias modernas em relação aos vilarejos e às casas isoladas. Nessas regiões, as populações, liberadas dos laços do hábito e livres para agrupar-se a seu bel-prazer, sem outra motivação senão sua própria vontade, amontoam-se quase por completo nas cidades. Mesmo nas colônias especialmente agrícolas, tais como os jovens estados americanos do *Far West*, as regiões de La

Plata, o *Queen's Land* da Austrália, a ilha setentrional da Nova Zelândia, o número dos citadinos é muito superior àquele dos camponeses: em média, ele é ao menos três vezes superior, e não cessa de aumentar à medida que o comércio e a indústria desenvolvem-se. Nas colônias como Victoria e Califórnia, onde causas especiais, tais como as minas de ouro e grandes vantagens comerciais, atraem multidões de especuladores, a aglomeração dos habitantes nas cidades é ainda muito mais considerável. Se Paris fosse em relação à França o que San Francisco é em relação à Califórnia, o que Melbourne é para a Austrália, a "grande cidade" verdadeiramente digna desse nome não teria menos de nove a dez milhões de almas. Evidentemente, é em todos esses novos países, onde o homem civilizado acaba de estabelecer-se, que se deve buscar o ideal exterior da sociedade do século XIX, porque nenhum obstáculo impedia os recém-chegados de se distribuírem em pequenos grupos sobre toda a superfície da região, e eles preferiram reunir-se em vastas cidades. O exemplo da Hungria ou da Rússia, oposto àquele da Califórnia ou de tal outra colônia moderna, pode servir para mostrar que intervalo de séculos separa os países cujas populações ainda estão

distribuídas como na Idade Média, e aqueles onde os fenômenos de afinidade social desenvolvidos pela civilização moderna têm livre ação. Nas planícies da Rússia, na *puszta* húngara, não há cidades propriamente ditas, há apenas vilarejos mais ou menos vastos; as capitais são centros administrativos, criações artificiais que os habitantes poderiam muito bem dispensar, e que logo perderiam uma notável parte de sua importância se o governo não mantivesse ali uma vida factícia às expensas do resto da nação. Nesses países, a população que trabalha compõe-se de agricultores, e as cidades só existem para os empregados e os homens de lazer. Na Austrália, na Califórnia, ao contrário, o campo é sempre um subúrbio, e os próprios camponeses, pastores e cultivadores, têm o espírito voltado para a cidade: são especuladores que, no interesse de seus negócios, afastaram-se momentaneamente do grande centro comercial, mas que não deixarão de retornar a ele. Cedo ou tarde, sem nenhuma dúvida, os camponeses russos, hoje tão bem enraizados no solo natal, aprenderão a separar-se da gleba, à qual ainda ontem estavam submissos; assim como os ingleses, como os australianos, tornar-se-ão nômades e dirigir-se-ão para as grandes cidades onde o comércio e a in-

dústria os chamarão; aonde a própria ambição de ver, conhecer ou melhorar sua condição os levará.

As queixas daqueles que lamentam o despovoamento do campo não podem deter o movimento; nada o fará pois todos os clamores são inúteis. Tornado, graças a uma melhora em sua condição material e ao baixo preço relativo das viagens, possuidor dessa liberdade primordial "de ir e vir", da qual poderiam, com o tempo, decorrer todas as outras, o cultivador não-proprietário obedece a um impulso bem natural quando toma o caminho da cidade populosa da qual lhe contam tantas maravilhas. Simultaneamente triste e alegre, diz adeus à casa natal para ir contemplar os milagres da indústria e da arquitetura; renuncia ao salário regular com o qual podia contar pelo trabalho de seus braços, mas talvez ele também adquira o conforto material ou a fortuna como tantos outros filhos de seu vilarejo; e, se um dia retornar à sua terra natal, será para construir um castelo no lugar da sórdida morada onde nasceu. Bem pouco numerosos são os emigrantes que podem realizar seus sonhos de fortuna; muitos deles encontram a pobreza, a doença, uma morte prematura nas grandes cidades, mas ao menos aqueles que vi-

vem puderam ampliar o círculo de suas idéias; eles viram lugares diferentes uns dos outros; formaram-se em contato com outros homens; tornaram-se mais inteligentes, mais instruídos, e todos esse progressos individuais constituem para a sociedade inteira uma vantagem inestimável.

Sabe-se com que rapidez ocorre na França esse fenômeno da emigração dos camponeses para Paris, Lyon, Toulouse e os grandes portos marítimos. Todos os crescimentos da população fazem-se em proveito dos centros de atração, e a maioria das pequenas cidades e dos vilarejos permanece estacionária ou, inclusive, declina quanto ao número dos habitantes. Mais da metade dos departamentos está cada vez menos povoada, e podemos citar um deles, Basses-Alpes, que desde a Idade Média certamente perdeu um bom terço de seus habitantes. Se também se levasse em conta as viagens e as emigrações temporárias, que têm por resultado necessariamente o aumento da população flutuante das grandes cidades, os resultados seriam bem mais surpreendentes ainda. Em Pyrénées de l'Ariège, há alguns vilarejos que todos os habitantes, homens e mulheres, abandonam completamente durante o inverno para descer para as cidades da planície. Enfim, a maioria dos fran-

ceses que se ocupa de operações comerciais ou que vive de suas rendas, sem contar multidões de camponeses e operários, não deixa de visitar Paris e as principais cidades da França, e está bem longe o tempo quando, nas províncias isoladas, designava-se um operário viajante pelo nome da grande cidade que ele havia habitado. Na Inglaterra e na Alemanha ocorrem os mesmos fenômenos sociais. Conquanto nesses dois países o excedente dos nascimentos sobre os mortos seja muito mais considerável do que na França, lá também, contudo, regiões agrícolas, tais como o ducado de Hesse-Cassel e o condado de Cambridge, despovoam-se em proveito das grandes cidades. Mesmo na América do Norte, onde a população cresce com tão surpreendente rapidez, um grande número de distritos agrícolas da Nova Inglaterra perdeu uma forte proporção de seus habitantes em conseqüência de uma dupla emigração, de um lado, para as regiões do *Far West*, do outro, para as cidades comerciais da costa: Portland, Boston, Nova York.

Todavia, é um fato bem conhecido: o ar das cidades está carregado de princípios de morte. Embora as estatísticas oficiais nem sempre ofereçam em relação a isso a sinceridade desejável, não é menos certo que em todos os

países da Europa e da América a vida média dos camponeses ultrapassa em vários anos aquela dos citadinos; e os imigrantes, ao deixarem o campo natal pela rua estreita e nauseabunda de uma grande cidade, poderiam calcular de antemão, de uma maneira aproximativa, de quanto tempo eles abreviam sua vida segundo as regras da probabilidade. Não apenas o recém-chegado sofre em sua própria pessoa e expõe-se a uma morte antecipada, mas ainda conde-na sua descendência. Não se ignora que nas grandes cidades, como Londres e Paris, a força vital esgota-se rapidamente, e que nenhuma fa-mília burguesa continua ali para além da ter-ceira ou no máximo quarta geração. Se o indivíduo pode resistir à influência mortal do meio que o cerca, a família ao menos acaba por sucumbir, e sem contínuas imigrações de provincianos e estrangeiros que caminham alegremente para a morte, as capitais não poderiam recrutar sua enorme população. As características do citadino refinam-se, mas o corpo declina e as fontes da vida secam. Da mesma maneira, do ponto de vista intelectual, todas as faculdades brilhantes que a vida social desenvolve são de início superexcitadas, mas o pensamento perde gradualmente sua força; cansa-se,

depois, enfim, apaga-se antes da hora. É fato que o menino de Paris, comparado ao jovem e rude camponês, é um ser cheio de vivacidade e ardor; mas não é o irmão desse "pálido vagabundo" que se pode comparar no físico e na moral com essas plantas doentias vegetando nos porões em meio à escuridão? Enfim, é nas cidades, sobretudo naquelas que são mais célebres por sua opulência e sua civilização, que decerto se encontram os mais degradados de todos os homens, pobres seres sem esperança que a sujidade, a fome, a ignorância brutal, o desprezo de todos, puseram bem abaixo do feliz selvagem percorrendo em liberdade as florestas e as montanhas. É ao lado do maior esplendor que se deve procurar a mais desprezível abjeção; não longe desses museus onde se mostra em toda a sua glória a beleza do corpo humano, crianças raquíticas aquecem-se na atmosfera impura exalada do bueiro.

Se a locomotiva traz para as cidades multidões incessantemente crescentes, por outro lado, ela leva ao campo um número cada vez mais considerável de citadinos que vão por um tempo respirar o ar livre e refrescar as idéias em meio às flores e ao verdor. Os ricos, senhores para dar-se lazeres que lhes agradam, podem escapar das

ocupações ou dos fatigantes prazeres da cidade durante meses inteiros. Alguns deles, inclusive, residem no campo, e em suas casas das grandes cidades só fazem aparições furtivas. Quanto aos trabalhadores de todo tipo que não podem afastar-se por muito tempo por causa das exigências da vida cotidiana, a maioria deles não deixa de arrancar de suas ocupações a pausa necessária para ir visitar o campo. Os mais favorecidos dão-se semanas de férias que vão passar longe da capital, nas montanhas ou nas praias. Aqueles que são mais subjugados por seu trabalho, limitam-se a fugir de tempos em tempos, durante algumas horas, do estreito horizonte das ruas costumeiras; e sabemos quando eles aproveitam com felicidade seus dias de festas quando a temperatura é amena e o céu límpido, pois cada árvore dos bosques vizinhos das grandes cidades abriga uma alegre família. Um número considerável dos negociantes e dos empregados, sobretudo na Inglaterra e na América, instala bravamente mulheres e crianças no campo e condena-se a si próprio a fazer duas vezes por dia o trajeto que separa o local de trabalho do lar. Graças à rapidez das comunicações, milhões de homens podem acumular, assim, as duas qualidades de citadino e homem do campo; e a cada

ano o número de pessoas que fazem assim duas metades de suas vidas não cessa de aumentar. Em torno de Londres, é por centenas de milhares que devem ser contados aqueles que mergulham todas as manhãs no turbilhão de negócios da grande cidade e que retornam todas as noites para sua tranqüila *home* do subúrbio verdejante. A City, o verdadeiro centro do mundo comercial, despovoa-se de residentes; de dia, é a mais ativa colmeia humana; de noite, é um deserto.

Infelizmente esse refluxo das cidades para o exterior não se opera sem enfear o campo: não apenas os detritos de toda espécie preenchem o espaço intermediário compreendido entre as cidades e o campo, como também, algo ainda mais grave, a especulação apodera-se de locais encantadores da vizinhança; ela divide-os em lotes retangulares, cerca-os de muros uniformes, depois constrói às centenas e aos milhares casinhas pretensiosas. Para os passeadores errando pelos caminhos lamacentos nesses pretensos campos, a natureza não é representada senão pelos arbustos desbastados e pelos buquês de flores que entrevemos através das grades. À beira-mar, as falésias mais pitorescas, as praias mais encantadoras também são em mui-

tos lugares açambarcadas por proprietários invejosos ou por especuladores que apreciam as belezas da natureza à maneira dos cambistas avaliando um lingote de ouro. Nas regiões montanhosas freqüentemente visitadas, o mesmo furor de apropriação apodera-se dos habitantes: as paisagens são recortadas em quadrados e vendidas ao comprador mais abonado; cada curiosidade natural, o rochedo, a gruta, a cascata, a fenda de um glaciar, tudo, até o som do eco, pode tornar-se propriedade particular. Empreendedores apossam-se das cataratas, cercam-nas de tapumes para impedir os viajantes não-pagantes de contemplar o tumulto das águas, depois, à força de *publicidades*, transformam em belas moedas sonantes a luz que brinca nas gotículas rompidas e o sopro do vento que espalha no espaço echarpes de vapores.

Porquanto a natureza é profanada por tantos especuladores precisamente por causa de sua beleza, não é surpreendente que em seus trabalhos de exploração os agricultores e os industriais negligenciem quanto a perguntar-se se eles não contribuem para o enfeamento da terra. É certo que o "duro labor" preocupa-se muito pouco com o encanto do campo e com a harmonia das paisagens, desde que o solo produza

colheitas abundantes; portando seu machado ao acaso nos bosquetes, ele abate as árvores que o incomodam, mutila indignamente as outras e dá-lhes o aspecto de estacas ou vassouras. Vastas regiões, outrora belas de se ver e que se amava percorrer, foram inteiramente desonradas, e experimenta-se um sentimento de verdadeira repugnância ao observá-las. Por sinal, ocorre freqüentemente que o agricultor, pobre em ciência bem como em amor pela natureza, engane-se em seus cálculos e cause sua própria ruína pelas modificações que introduz sem sabê-lo nos climas. Do mesmo modo, pouco importa ao industrial, explorando sua mina ou sua manufatura em pleno campo, enegrecer a atmosfera com fumaças da hulha e viciá-la por vapores pestilenciais. Sem falar da Inglaterra, existe na Europa ocidental um grande número de vales manufatureiros cujo ar espesso é quase irrespirável para os estrangeiros; as casas ali são enegrecidas, as próprias folhas das árvores são revestidas de fuligem, e quando se olha o sol, é através de uma espessa bruma que se mostra quase sempre sua face amarelada. Quanto ao engenheiro, suas pontes e seus viadutos são sempre os mesmos, na planície mais unida ou nas gargantas das montanhas mais ab-ruptas;

ele não se preocupa em colocar suas construções em harmonia com a paisagem, mas unicamente em equilibrar o empuxo e a resistência dos materiais.

Certamente, é preciso que o homem apodere-se da superfície da terra e saiba utilizar suas forças; entretanto, não podemos nos impedir de lamentar a brutalidade com a qual se realiza essa tomada de posse. Assim, quando o geólogo Marcou ensina-nos que a catarata americana do Niágara diminuiu sensivelmente em abundância e perdeu em beleza desde que foi sangrada para pôr em movimento as usinas de suas margens, pensamos com tristeza na época, ainda bem próxima de nós, em que o "trovão das águas", desconhecido pelo homem civilizado, precipitava-se livremente do alto de suas falésias, entre duas paredes de rochedos, todas carregadas de grandes árvores. Do mesmo modo, perguntamo-nos se os vastos prados e as florestas livres onde, pelos olhos da imaginação, ainda vemos as nobres figuras de Chingashcook e de Bas-de-Cuir, não poderiam ter sido substituídas de outra maneira senão por campos, todos de igual superfície, todos orientados para os quatro pontos cardeais, em conformidade com o cadastro, todos cercados regularmente por cercas da mesma altura.

A natureza selvagem é tão bela: é necessário, portanto, que o homem, apoderando-se dela, proceda geometricamente à exploração de cada novo domínio conquistado e marque sua tomada de posse por construções vulgares e limites de propriedade definidos de maneira simétrica? Se assim fosse, os harmoniosos contrastes que são uma das belezas da terra logo dariam lugar a uma desoladora uniformidade, pois a sociedade, que cresce a cada ano ao menos em uma dezena de milhões de homens, e que dispõe pela ciência e pela indústria de uma força crescente em prodigiosas proporções, caminha rapidamente para a conquista de toda a superfície planetária; está próximo o dia em que não haverá mais uma única região dos continentes que não tenha sido visitada pelo pioneiro civilizado, e cedo ou tarde o trabalho humano será exercido sobre todos os pontos do globo. Felizmente, o belo e o útil podem aliar-se da maneira mais completa, e é precisamente nos países onde a indústria agrícola é mais avançada, na Inglaterra, na Lombardia, em certas partes da Suíça, que os exploradores do solo sabem fazer-lhe ceder os mais belos produtos sem desrespeitar o encanto das paisagens, ou, inclusive, acrescentando com arte à sua beleza. Os pântanos e os lamaçais de

Flandres transformados pela drenagem em campos de exuberante fertilidade; a Crau pedregosa transformando-se, graças aos canais de irrigação, em um prado magnífico; os flancos rochosos dos Apeninos e dos Alpes marítimos ocultando-se do cimo ao sopé sob a folhagem das oliveiras; as turfeiras avermelhadas da Irlanda substituídas por florestas de lárices, cedros, abetos argênteos, não são estes admiráveis exemplos desse poder que tem o agricultor de explorar a terra em seu benefício ao mesmo tempo tornando-a mais bela?

Quanto a saber o que na obra do homem serve para embelezar ou, então, contribui para degradar a natureza exterior, pode parecer fútil a espíritos pretensamente positivos: ela não deixa de ter uma importância de primeira ordem. Os desenvolvimentos da humanidade ligam-se da maneira mais íntima com a natureza circundante. Uma harmonia secreta estabelece-se entre a terra e os povos que ela nutre, e quando as sociedades imprudentes permitem-se erguer a mão contra o que faz a beleza de sua região, elas acabam sempre por arrepender-se. Lá onde o solo enfeou-se, lá onde toda poesia desapareceu da paisagem, as imaginações desvanecem-se, os espíritos empobrecem-se, a rotina e o servi-

lismo apoderam-se das almas e dispõem-nas ao torpor e à morte. Entre as causas que, na história da humanidade, já fizeram desaparecer tantas civilizações sucessivas, deve-se contar em primeira linha a brutal violência com a qual a maioria das nações tratam a terra nutriz. Abatiam as florestas, faziam secar as fontes e transbordar os rios, deterioravam os climas, cercavam as cidades de zonas pantanosas e pestilentas, depois, quando a natureza, por eles profanada, tornara-se-lhes hostil, eles a odiavam, e, não podendo refortalecer-se como o selvagem na vida das florestas, deixavam-se cada vez mais embrutecer-se pelo despotismo dos padres e dos reis. "Os grandes domínios perderam a Itália", disse Plínio; mas devemos acrescentar que esses grandes domínios, cultivados por mãos escravas, haviam enfeado o solo como uma lepra. Os historiadores, impressionados com a surpreendente decadência da Espanha desde Carlos V, buscaram explicá-la de diversas maneiras. Segundo uns, a causa principal dessa ruína da nação foi a descoberta do ouro da América; segundo outros, foi o terror religioso organizado pela "santa fraternidade" da inquisição, a expulsão dos judeus e dos mouros, os sangrentos autos-de-fé dos heréticos. Acusaram igualmente

pela queda da Espanha o iníquo imposto da *alcabala* e a centralização despótica à maneira francesa; mas a espécie de furor com a qual os espanhóis abateram as árvores com medo dos pássaros, "*por miedo de los pajaritos*", não tem algo a ver nessa terrível decadência? A terra, amarela, pedregosa e nua, assumiu um aspecto repulsivo e pavoroso; o solo empobreceu-se; a população, diminuindo durante dois séculos, recaiu parcialmente na barbárie. Os passarinhos vingaram-se.

É, portanto, com alegria que devemos agora saudar essa paixão generosa que leva tantos homens, e, diremos, os melhores, a percorrerem as florestas virgens, as praias marinhas, as gargantas das montanhas, a visitar a natureza em todas as regiões do globo onde ela conservou sua beleza primeva. Sentimos que, sob pena de diminuição intelectual e moral, é necessário contrabalancear a qualquer preço pela visão das grandes paisagens da terra a vulgaridade de tantas coisas feias e medíocres onde os espíritos estreitos vêem o testemunho da civilização moderna. É preciso que o estudo direto da natureza e a contemplação de seus fenômenos tornem-se para todo homem completo um dos elementos primordiais da educação; também é preciso desenvolver em cada indivíduo a habilidade e a força musculares, a fim de que ele escale os cumes com alegria, observe sem temor os abismos, e conserve em todo o seu ser físico esse equilíbrio natural das forças, sem o qual as mais belas paisagens nunca serão percebidas senão através de um véu de tristeza e melancolia. O homem moderno deve unir em sua pessoa todas as virtudes daqueles que o precederam na terra: sem nada abdicar dos imensos privilégios que a civilização conferiu-lhe, ele não deve também perder o que quer que seja de sua força antiga, e deixar-se superar por qualquer selvagem em vigor, em habilidade ou em conhecimento dos fenômenos da natureza. Nos belos tempos das repúblicas gregas, os helenos não se propunham nada menos que fazer de seus filhos heróis pela graça, pela força e pela coragem: é igualmente despertando nas jovens gerações todas as qualidades viris, é reconduzindo-as à natureza e fazendo-as confrontarem-se com ela que as sociedades modernas podem assegurar-se contra toda decadência pela regeração da própria raça.

Rumford disse-o há muito tempo: "encontramos sempre na natureza mais do que buscamos nela". Que o cientista examine as nuvens

ou as pedras, as plantas ou os insetos, ou ainda que estude as leis gerais do globo, ele descobre sempre e em toda parte maravilhas imprevistas; o artista, à procura de belas paisagens, tem os olhos e o espírito em festa perpétua; o industrial que busca pôr em obra os produtos da terra não cessa de ver ao seu redor riquezas ainda não utilizadas. Quanto ao homem simples que se contenta em amar a natureza em si mesma, nela encontra sua alegria, e quando está infeliz, seus sofrimentos são ao menos suavizados pelo espetáculo da liberdade do campo. É verdade, os proscritos, ou então esses pobres desclassificados que vivem como banidos sobre o solo da pátria, não cessam de sentir, mesmo na paisagem mais encantadora, que estão isolados, desconhecidos, sem amigos, e a chaga do desespero continua a consumi-los. Entretanto, eles também acabam por sentir a doce influência do meio que os cerca; suas mais vivas amarguras transformam-se pouco a pouco em uma espécie de melancolia que lhes permite compreender, com um sentido refinado pela dor, tudo o que a terra oferece de gracioso e belo: mais do que muitas pessoas felizes, eles sabem apreciar o sussurro das folhagens, o canto dos pássaros, o murmúrio das fontes. E se a natureza tem tanta

influência sobre os indivíduos para consolá-los ou para fortalecê-los, o que ela não pode, durante o transcurso dos séculos, sobre os próprios povos? Sem dúvida alguma, a vista dos grandes horizontes contribui em grande medida para as qualidades das populações das montanhas, e não é absolutamente por uma vã fórmula de linguagem que os Alpes foram designados como o bulevar da liberdade.